

Artigo

(Ir)responsabilidade Social Corporativa: Mulheres atingidas pela Ternium em Santa Cruz, Rio de Janeiro

Victoria Ferreira Oliva

Vinicius Rezende Carvalho

Willian Silva da Rocha

144

Resumo

A siderúrgica Ternium (antiga TKCSA), localizada no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, é responsável por diversos impactos ambientais, como a contaminação crônica do ar, episódios agudos de contaminação (chuvas de prata) e inundações em áreas residenciais adjacentes. No entanto, entendemos que as mulheres são especialmente vulnerabilizadas com a chegada do empreendimento e, por isso, realizamos uma leitura dos impactos e estratégias da fábrica a partir de um recorte de gênero. A siderúrgica promove, desde o início de suas operações, diversas ações sociais em benefício dos moradores dos seus arredores, entendidas como práticas espaciais estratégicas da empresa. O presente artigo tem como objetivo fazer um levantamento das ações promovidas atualmente e examinar sua distribuição espacial. Além disso, iremos analisar as tramas enunciativas expressas no site com relação à representatividade feminina e às ações sociais da Ternium à luz dos impactos que a empresa causa nos corpos feminizados. Concluímos que a empresa utiliza uma gramática feminista como estratégia de branding, buscando apagar as violências geradas pelas práticas produtivas da empresa em diferentes escalas: do bairro à casa e aos corpos feminizados. Tais estratégias são insuficientes para compensar aos grupos atingidos pelas (ir)responsabilidade social corporativa que a fábrica construiu ao longo de todas suas fases administrativas.

Palavras-chave: Mulheres atingidas; Responsabilidade Social Corporativa; Zona de Sacrifício; Environmental Social Governance; Ternium.

Corporate Social (Ir)responsibility: Women affected by Ternium steel mill in Santa Cruz, Rio de Janeiro

Abstract

The Ternium steel mill (former TKCSA), located in the neighborhood of Santa Cruz, West Zone of Rio de Janeiro, is responsible for several environmental impacts, such as chronic air contamination, acute episodes of contamination (silver rains) and flooding in adjacent residential areas. However, we understand that women are especially vulnerable with the arrival of the enterprise and, therefore, we read the impacts and strategies of the factory from a gender perspective. Since the beginning of its operations, the steel company has promoted several social actions for the benefit of the residents of its surroundings, understood as strategic spatial practices of the company. The aim of this article is to survey the actions currently promoted and to examine their spatial distribution. In addition, we will analyze the enunciative plots expressed on the website in relation to female representation and Ternium's social actions in light of the impacts that the company causes on feminized bodies. We conclude that the company uses a feminist grammar as a branding strategy, seeking to erase the violence generated by the company's production practices at different scales: from the neighborhood to the home and feminized bodies. Such strategies are insufficient to compensate the groups affected by the corporate social (ir)responsibility that the factory has built throughout all its administrative phases.

Keywords: Women affected; Corporate Social Responsibility; Sacrifice Zone; Environmental Social Governance; Ternium.

(Ir)responsabilidade Social Corporativa: Mulheres afetadas por Ternium em Santa Cruz, Río de Janeiro

Resumen

La acer a Ternium (antes TKCSA), ubicada en el barrio de Santa Cruz, Zona Oeste de Río de Janeiro, es responsable de varios impactos ambientales, como contaminación cr nica del aire, episodios agudos de contaminación (lluvias de plata) e inundaciones en áreas residenciales adyacentes. Sin embargo, entendemos que las mujeres son especialmente vulnerables con la llegada de la empresa y, por ello, leemos los impactos y estrategias de la fábrica desde una perspectiva de g nero. Desde el inicio de sus operaciones, la empresa siderúrgica ha promovido diversas acciones sociales en beneficio de los vecinos de su entorno, entendidas como prácticas espaciales estratégicas de la empresa. El objetivo de este artículo es estudiar las acciones que se promueven actualmente y examinar su distribución espacial. Además, analizaremos las tramas enunciativas expresadas en el sitio web en relación con la representación femenina y las acciones sociales de Ternium a la luz de los impactos que la empresa provoca en los cuerpos feminizados. Se concluye que la empresa utiliza una gramática feminista como estrategia de branding, buscando borrar la violencia generada por las prácticas de producción de la empresa a diferentes escalas: desde el barrio hasta el hogar y los cuerpos feminizados. Tales estrategias son insuficientes para compensar a los grupos

afectados por la (ir)responsabilidad social corporativa que la fábrica ha construido a lo largo de todas sus fases administrativas.

Palabras clave: Mujeres afectadas; Responsabilidad Social Empresarial; Zona de Sacrificio; Gobierno Social Ambiental; Ternium.

Introdução

Nestes tempos de ebulição global, intensas ondas de calor e sensações térmicas beirando os 60°C na cidade do Rio de Janeiro,¹ somos atravessados por uma grande impotência e levados a nos indagar sobre os limites do capitalismo, bem como sobre os principais causadores da emergência na qual estamos inseridos. No caso do Rio de Janeiro, sem que boa parte da população tenha conhecimento, vive um *monstro projeto de destruição*,² que é responsável por mais de 50% das emissões de gases do efeito estufa (GEE) da cidade do Rio de Janeiro,³ e que consome anualmente o volume de água de uma cidade de 6,1 milhões de habitantes (PACS, 2022).⁴ Trata-se da siderúrgica Ternium Brasil, no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro (**Carta-imagem 1**).

Embora hoje todos estejamos sofrendo com as consequências das emissões provocadas por projetos desta envergadura, existe um grupo de moradores atingidos que desde meados dos anos 2000 vinha denunciando e contestando a presença da siderúr-

¹ Mais informações disponíveis em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/11/17/macarico-ligado-rio-registra-sensacao-termica-recorde-de-593-graus-em-guaratiba-nesta-sexta-feira.ghtml>>. Acesso em 26/11/2023.

² *Monstro projeto de destruição* é o termo que Antônia Melo, uma das lideranças do Movimento Xingu Vivo para Sempre, usa para se referir a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, megaprojeto na região de Altamira (PA). Para Antônia, o modelo de megaprojetos leva à destruição e retira o envolvimento comunitário do território. Neste artigo, adotamos a sua crítica e apenas nos referimos a megaprojetos como *monstro projetos*. Esse relato está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g-w0J3xz8_o&feature=youtu.be&ab_channel=InstitutoPacs>. Acesso em 30/11/2020.

³ Em 2017, a Ternium emitiu 11,63 milhões de toneladas de CO₂, enquanto o total das emissões da cidade do Rio de Janeiro foi de 20,56 milhões de toneladas (PACS, 2022).

⁴ O consumo anual de água da Ternium é de 570 bilhões de litros (PACS, 2022). Enquanto isso, milhões de moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro abastecidos pela estação de tratamento de água do Rio Guandu (que tem sua foz no bairro de Santa Cruz) sofrem com a crise hídrica, que se agrava anualmente.

gica no bairro. Operando desde 2010, e com um passivo ambiental conhecido internacionalmente, a maior planta siderúrgica brasileira vem, continuamente, atingindo a vida dos moradores da região, sobretudo das mulheres e outros sujeitos feminizados.⁵ Aqui, é importante ressaltar que se trata de um bairro marcado pelo predomínio de uma população preta e parda, e nas cercanias da siderúrgica, por famílias com renda de até 2 salários-mínimos (IBGE, 2010). Segundo dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 65% dos responsáveis dos domicílios localizados em um raio de 5 km da siderúrgica tinham renda de até 2 salários-mínimos. No mesmo recorte espacial, em 2010 pretos e pardos representavam 63% da população total (Santos; Gianella, 2020).

Carta-imagem 1 – Localização da Ternium Brasil em Santa Cruz (RJ).



Fonte: Mapa elaborado por Carvalho (2023).

⁵ O conceito de “feminizados” serve para evidenciar que existem outros corpos, além dos das mulheres, cujas características etárias, de gênero e sexualidade também as coloca em uma posição de vulnerabilidade na sociedade patriarcal e heteronormativa. Neste caso, nos referimos principalmente a crianças e idosos — corpos cuja idade exige o trabalho do cuidado feminino.

Como veremos ao longo deste artigo, a chegada da fábrica ao bairro, no início dos anos 2000, obedece ao padrão que Henri Acselrad (2014) define como *chantagens locais*, em que, em prol da territorialização da acumulação capitalista, os *monstros projetos* pressionam os poderes locais e atores sociais menos móveis para obter condições vantajosas de operação, bem como para alargar os “limites de aceitabilidade dos riscos sociais e ambientais para a própria população” (Acselrad, 2014, pp. 94-95). Dessa forma, a presença da Ternium configura um emblemático caso de injustiça ambiental, definido por Souza (2019) como “qualquer processo em que os eventuais malefícios decorrentes da exploração e do uso de recursos e da geração de resíduos indesejáveis sejam sócio-espacialmente distribuídos de forma assimétrica, em função das clivagens de classe e outras hierarquias sociais” (Souza, 2019, p. 130).

A situação se torna ainda mais complexa quando consideramos que a população de Santa Cruz é marcada, majoritariamente, pela presença de mulheres negras chefes de família e outros sujeitos feminizados, tais como idosos e crianças (IBGE, 2010). Ou seja, existem particularidades relacionadas ao gênero, à idade e a outras condições que maximizam a injustiça ambiental. Segundo Souza, no caso da contaminação atmosférica, aqueles que “menos saem do bairro, porque realizam trabalho doméstico [mulheres] ou porque ainda não tem idade para trabalhar (crianças), são aposentados ou precisam ficar em casas por problemas de saúde ou restrições de mobilidade, estão mais intensamente expostos a poluição”⁶ (Souza, 2021, pp. 236-237, tradução livre).

Neste artigo, trabalharemos com duas dimensões temporais e centralizaremos nossa análise nos impactos sobre os corpos feminizados. Inicialmente, buscaremos compreender como a territorialização da Ternium Brasil, que se soma ainda a outras indústrias instaladas no Distrito Industrial de Santa Cruz (DISC), tornou o bairro uma zona de sacrifício do Rio de Janeiro. Em seguida, analisaremos as tendências contemporâneas da

⁶ No original: “[...] In the light of environmental contamination, being far away from a sacrifice zone for half of the day is not entirely disadvantageous. Those who leave their own neighborhood the least, because they do not work outside the family home (‘housewives’) or because they are not yet old enough to work (children), are already retired or must stay at home due to health problems or mobility restrictions, are more intensely exposed to pollution (Souza, 2021, pp. 236-237).

siderúrgica, evidenciando algumas de suas contradições, sobretudo quanto ao seu posicionamento enquanto uma empresa comprometida com a Responsabilidade Social Corporativa (RSC), com o Environmental Social Governance (ESG), com a Diversidade Social e que, continuamente, incorpora léxicos do feminismo em sua estratégia de *branding*.

Em todos os casos, como veremos, trata-se mais de obedecer aos novos indicadores corporativos para tornar a empresa mais apazível e competitiva, do que tentativas genuínas da empresa de se adequar às mudanças climáticas e transformações culturais impulsionadas pela sociedade nas últimas décadas.

Para isso, contaremos com dados provenientes do site da Ternium Brasil, com relatórios de sustentabilidade publicados anualmente pela empresa, com um mapa das ações sociais exibido aos visitantes de sua planta industrial e com trechos de entrevistas em *podcasts* com a diretora do Instituto Ternium e gerente de relações com a comunidade, Fernanda Candeias. Além disso, é importante reforçar que esse artigo se centra na experiência sensível das mulheres atingidas que vivem no entorno do empreendimento, por isso seus relatos em entrevistas são elementos centrais para o embasamento do artigo.

1. As escalas da acumulação primitiva, da desterritorialização e do sacrifício

Em sua dissertação, Thiago Damas (2018) operacionaliza a chegada da ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA)/Ternium⁷ em Santa Cruz a partir do que intitula etapas infernais de acumulação, baseado nos aportes de Acsehrad

⁷ Nesta primeira seção, nos referimos a Ternium como TKCSA/Ternium para evidenciar processos que ocorreram quando a fábrica ainda estava sob gestão da ThyssenKrupp. Em 2017, as ações da siderúrgica foram vendidas para o grupo ítalo-argentino Techint, e a fábrica teve o seu nome alterado.

(2014). A primeira etapa infernal se refere a chegada de fábricas na região da Baía de Sepetiba, que antes era conhecida por suas praias, pesca e agricultura. A partir da década de 1960, as atividades industriais às margens da baía se intensificaram, na esteira de um projeto de desconcentração industrial. Nesse contexto, criaram-se distritos industriais nas áreas periféricas do Rio de Janeiro – principalmente na Zona Oeste –, onde o solo era mais barato e a população mais vulnerável socialmente.

Desde então, o DISC, localizado na divisa entre os municípios do Rio de Janeiro e Itaguaí, passou a receber diversos empreendimentos que alteraram profundamente as dinâmicas socioespaciais do bairro. Concomitantemente ao processo de desconcentração industrial supracitado, o fenômeno de periferização da metrópole do Rio de Janeiro se intensificou na segunda metade do século XX. Como resultado desses processos, a paisagem rural de Santa Cruz foi se transformando ao passo que surgiram distintas formas de produção imobiliária justapostas (favelas, loteamentos, conjuntos habitacionais etc.), muitas vezes próximas a propriedades de cultivo e pecuária e parte delas próximas ao recém-criado distrito industrial.

Uma série de conjuntos habitacionais foi construída no bairro, sobretudo na Avenida João XXIII (via que liga o bairro de Santa Cruz ao município de Itaguaí) para absorver os novos moradores que foram atraídos pela oferta de empregos (Silva, 2018). O cotidiano e as práticas socioespaciais da população do bairro são atravessados pela organização dos moradores nos conjuntos, e aqueles que se localizam mais próximos a Ternium têm de conviver não só com a exposição a riscos ambientais diversos provenientes das indústrias, mas também com as condições precárias de moradia, a carência de serviços como saneamento básico e de saúde, o domínio territorial de grupos paramilitares etc.

A segunda etapa infernal definida por Damas (2018) se caracteriza pela “radicalização da devastação no entorno da Baía de Sepetiba, com a ampliação de empreendimentos já existentes, e a criação de novas estruturas para dar conta de uma nova agenda em curso” (Damas, 2018, p. 19). É nesse caso que a TKCSA, atual Ternium, se insere no

território de Santa Cruz, em que o neodesenvolvimentismo e o neoextrativismo impuseram uma série de (re)ajustes espaciais para a cidade do Rio de Janeiro e, sobretudo, para o entorno da Baía de Sepetiba.

Assim, como tentaremos demonstrar, evidencia-se um caráter fluido composto por uma multiplicidade de práticas que grandes empresas ligadas ao mercado da mineração operam no/o espaço.⁸ Em sua cadeia produtiva há um repertório *infernal* de violências atrozes contra diferentes tipos de sujeitos: desde a Terra como organismo vivo e dotado de direitos, aos diferentes corpos e corporalidades, perpassando ainda pelas variadas culturas, cosmovisões e modos de produção. Nos interessa, no entanto, o ponto final dessa linha produtiva, a siderurgia, simultaneamente ao impacto que gera nos corpos das mulheres enquanto fronteiras (Rougemont, 2021) entre o mundo produtivo e reprodutivo do capital.

Em uma análise de escala mais abrangente, concordamos com autores clássicos que indicam a recorrente sede de ampliação da reprodução do capital e sua necessidade expansiva do ponto de vista da acumulação (Marx, 2017; Luxemburgo, 2021). Como um sistema econômico dotado de estruturas lógicas permanentes, pode-se pensar em uma essência do capital, um aroma que perdura em todas as suas etapas, independente das estratégias momentâneas adotadas por seus agentes. Aquilo que Marx (2017) anteviu à encarnação do capital, porém que Rosa Luxemburgo (2021) diagnosticou enquanto fundamental à sua sobrevivência e manutenção quando das crises de sobreacumulação, denominou-se acumulação primitiva do capital.

Embora a acumulação primitiva mantenha-se *ad hoc* à própria acumulação do capital em si, uma das formas as quais ela se apresenta será no ordenamento territorial a partir de ações especulativas e no mundo institucional tendo como um dos aliados fundamentais as ações do Estado (Marx, 2017). Elaborando um plano teórico, Harvey (2014)

⁸ Interessante pensar que os morros e os vales rasgados pelas grandes máquinas metálicas que perfuram o solo atrás de variados tipos de minérios tentam enxertar estes mesmos espaços após seu esgotamento, deixando cicatrizes profundas no corpo territorial desses lugares. Operar aqui tem este sentido também.

trata sobre o ordenamento espaço-temporal a partir de três perspectivas: expansão temporal, expansão espacial e a combinação dessas duas. Logo, o geógrafo britânico adiciona o fator especulativo à abordagem estritamente espacial de Luxemburgo (2021), onde o capital não só expropria terra e trabalho de ambientes não capitalistas, mas também especula acerca dos potenciais lucrativos espaciais.

Há um mecanismo de transformação em produção capitalista dos capitais inativos de investimentos de outrora como resposta às crises de sobreacumulação; ou mesmo rearranjos administrativos com vistas a potencializar os lucros que não atingem potenciais econômicos previamente avaliados. Para ilustrar, podemos pensar nas estratégias corporativas de resgatar ações em queda de algumas empresas, seja por improdutividade, seja por pressões éticas ou culturais, ou por dívidas que fazem com que os administradores do parque industrial sejam substituídos por novos agentes. Foi o caso da ThyssenKrupp Steel que comprou as ações que a Vale S.A possuía da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA) pelo valor simbólico de US\$ 1,00 e, posteriormente, em função da pressão da sociedade civil às práticas ambientais da empresa, é arrematada pela empresa ítalo-argentina Ternium por pouco mais que o terço do valor da siderúrgica (cerca de R\$ 5,84 bilhões).⁹

A empresa foi negociada tendo uma dívida com BNDES e com altos valores em multas e indenizações que nunca foram pagas ou acertadas com as mais de 300 famílias que lutam na justiça por reparações aos impactos e violações provocados pela empresa. A negociação também se configura como estratégia corporativa das grandes empresas para simplificação do portfólio de ativos e aumento da produtividade diante da “crise das commodities”. A TKCSA tem um histórico de baixo rendimento, com lucros abaixo do previsto no projeto inicial, além de colecionar inúmeras denúncias encaminhadas por pescadores da Baía de Sepetiba, moradores de Santa Cruz, ativistas, pesquisadores, ONGs, etc. De certa forma, a reverberação negativa incomodou os acionistas da joint venture alemã que já havia tentado vender o complexo siderúrgico anteriormente, mas sem êxito (Damas, 2018, p. 114).

⁹ Também um valor simbólico, pois em 2016, ano imediatamente posterior à compra da CSA, a Ternium obteve um lucro onze vezes maior que no ano precedente (Damas, 2018).

A questão fundamental, neste caso, é notar que há um processo espoliativo em grande escala onde há ações capitalísticas¹⁰ que de maneira alguma podem deixar de funcionar, pouco importando a alcunha da empresa perante a necessidade de funcionamento da fábrica.

Além do caráter especulativo, a fábrica causa o cercamento dos indivíduos em Santa Cruz desde a sua fundação. Em Marx (2017), o cercamento das terras comunais a partir de decretos estatais é que possibilitará uma espécie de dupla desterritorialização dos camponeses: são expulsos de suas terras, perdendo seus meios de produção e transformando-se em mão-de-obra para as indústrias urbanas; ao passo que estão enclausurados agora em uma forma de existência única na terra, a que segue a lógica da propriedade privada e a do trabalho alienante como meios de vida. No caso da TKCSA/Ternium, o cercamento evidencia-se na clausura dos moradores residentes nas adjacências da fábrica, violentando física e simbolicamente seus corpos, desde o início do projeto despossuídos de seus meios de produção voltados a uma economia pesqueira e agrícola.¹¹

A despossessão é o que podemos vincular como um dos principais fatores de desterritorialização no processo da acumulação primitiva. A teórica marxista Virgínia Fontes (2018) propõe a superação da ideia luxemburguista de interior-exterior utilizada por Harvey (2014) dando ênfase na expropriação e classificando-a em dois tipos: primárias e secundárias. Enquanto as expropriações primárias são entendidas enquanto atualizações das transformações dos meios de vida em capital, como a privatização da terra e a proletarização do trabalhador do campo,

[...] as expropriações secundárias se abatem também, segundo a autora, sobre conhecimentos, a biodiversidade, as técnicas (de saúde e cultivo

¹⁰ Capitalístico, aqui, segue a sugestão de Guattari, onde se amplia a perspectiva do capitalismo para as esferas subjetivas, alargando de uma lógica econômica para uma perspectiva cultural, política e psíquica (Guattari; Rolnik, 1996).

¹¹ Segundo Damas (2018, p.128), “no local onde se instalou a TKCSA viviam 75 famílias ligadas ao Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ainda no período de negociação da empresa com os órgãos públicos do Rio de Janeiro, ela já possuía acesso aos terrenos ocupados pelas famílias para realização de estudos de solo, e logo tratou de cercar a área, impedindo o acesso das famílias e construir uma estrada (PACS, 2009).” Nota-se, assim, os cercamentos com o mesmo *modus operandi* da acumulação primitiva do chamado estágio pré-capitalista dessa sociedade.

dos povos tradicionais) (Fontes, 2010, p. 59), ou incidem sobre a água, o genoma, a expansão da forma-direito (especialmente de propriedade, embora não exclusivamente) para múltiplas relações sociais, etc., numa expropriação generalizada das condições de existência da própria vida (Fontes, 2010, p. 61-62, 72-73). A expropriação incide não somente sobre os meios de produção, como a terra, mas também sobre os meios de vida parciais, meios de subsistência e de reprodução das próprias condições de vida subsumidos à dinâmica contraditória das relações de expropriação/mercantilização (Fontes, 2019, p. 31). (Vieira, 2022, p. 270-271).

Com essa perspectiva, as ações da Ternium também são materializadas enquanto acumulação primitiva nas escalas alternativas, como a da casa e do corpo. Talvez o fenômeno mais conhecido tenha sido a denominada “chuva de prata”, ocorrido em 2010,¹² “ocasionado pela aerodisposição de efluentes danosos à saúde, decorrentes da cristalização do ferro gusa quando inadequadamente armazenado ao ar livre” (Tavares, 2021). O fenômeno fez com que diversos moradores tivessem sua saúde prejudicada, pois além do aumento em 1000% do ferro no ar do bairro, a chuva de prata continha elementos químicos como Silício (Si), Enxofre (S), Manganês (Mn) e Magnésio (Mg) (Damas, 2018). Com sintomas de febre, tosse, fraqueza, dores musculares, irritação nos olhos, ulceração, anormalidades na córnea, além de sinais de efeitos no sistema nervoso central em função do manganês, a expropriação operada pela empresa instalou um sabor de ferro na boca dos moradores vizinhos à fábrica (Damas, 2018).

Os impactos corporais que a fábrica ocasiona nos moradores vizinhos pode ser melhor compreendido à luz das contribuições de Federici (2017; 2022). A pensadora feminista propõe uma análise que considere o ponto de vista das mulheres, do corpo e da acumulação primitiva acerca da transição do feudalismo para o capitalismo, fazendo uma abordagem ao mesmo tempo marxista e foucaultiana do conceito (Federici, 2017). Segundo a autora, há três linhas que são ignoradas por Marx em sua análise: o desenvolvimento de uma divisão sexual do trabalho; a construção de um regime patriarcal onde as

¹² O fenômeno ocorreu nos meses de agosto e dezembro de 2010 e voltou a acontecer em 2012 (Tavares, 2021).

mulheres passam a estar excluídas do processo de produção ao passo que são subordinadas aos homens; e a transformação do corpo feminino enquanto máquina de produção de novos proletários (Federici, 2017).

O conceito de acumulação primitiva ganha, embasado em tais teorias, um salto analítico onde passa a enxergar processos que estão para além da produção e do ciclo do próprio capital, não sendo, por isso, menos importantes. A escala analítica também se modifica, pois

[...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho (Federici, 2017, p. 35).

A partir desta perspectiva, a autora assevera a importância de não refletirmos acerca da acumulação primitiva tendo como personagem conceitual um sujeito universal abstrato (Federici, 2022). Ainda segundo Federici (2022), a acumulação primitiva só poderá ser completamente compreendida ao se levar em consideração o ponto de vista de outros sujeitos históricos como os escravizados, os colonizados, os povos originários, além de outros sujeitos sociais que não cabem dentro da categoria de trabalhador assalariado (Federici, 2022). Como veremos na última seção, no caso aqui analisado, os corpos mais impactados pelas ações da Ternium seriam aqueles que mais se mantêm nos arredores da fábrica: mulheres, crianças e idosos.

Embasados nas teorias da acumulação primitiva, podemos traduzi-la em uma linguagem geográfica enquanto uma desterritorialização (Haesbaert, 2021). Aqui nos importa uma das abordagens do autor que entende dois tipos de desterritorialização: aquela que se dá no movimento e aquela que se dá no enclausuramento-estaticidade nas palavras do autor (Haesbaert, 2021).

[...] assim como a territorialização pode ser construída no movimento, um movimento sobre o qual exercemos nosso controle e/ou com o qual nos

identificamos, a desterritorialização também pode ocorrer através da “imobilização”, pelo simples fato de que os “limites” de nosso território, mesmo quando mais claramente estabelecidos, podem não ter sido definidos por nós e, mais grave ainda, estar sob o controle ou o comando de outros (Haesbaert, 2021, p. 236-237).

Seguindo sua marcha produtiva, a Ternium cria uma grande câmara de ar ferroso nos arredores de sua planta industrial. Os moradores, em sua maioria pobres, como deixaremos mais evidente nos próximos tópicos, não têm recursos financeiros suficientes para buscarem outros domicílios. Sendo assim, é muito evidente que a desterritorialização (Haesbaert, 2021) tem um impacto direto nos corpos, sejam aqueles que outrora migraram em função da fábrica, sejam aqueles que se mantêm recorrentemente violentados pelo seu funcionamento.

É muito evidente, neste caso, que o território se traduz nos corpos violentados. Reflexões recentes do autor, em diálogo com autoras feministas latino-americanas embasadas nos saberes indígenas, nos propõe uma abordagem do território enquanto corpo e do corpo enquanto território (Haesbaert, 2020). Dentro desta abordagem, a acumulação primitiva, aqui entendida como sinônimo de desterritorialização, ao ser pensada a partir da violência sofrida pelos corpos femininos ganha especificidades que têm a ver com as relações de poder de sexo e gênero e com a divisão sexual do trabalho. Enquanto no vocabulário de Federici (2022) a globalização aparece como uma recorrência da acumulação primitiva operado em escala global, podemos entender este fenômeno como um processo de desterritorialização e des-corporificação das mulheres em diferentes escalas de relações de poder (Haesbaert, 2020; 2021).

Essa relação é facilmente percebida quando observamos a chegada de *monstros projetos* nos territórios a partir do viés de gênero. Enquanto esses empreendimentos se territorializam, impondo sua estrutura estranha ao território, a chegada massiva de homens para trabalhar nas obras impõe uma nova ordem patriarcal nos territórios, atualizando as relações patriarcais preexistentes, fenômeno entendido como (re)patriarcalização dos territórios (García-Torres *et al.*, 2023, p. 41). A chegada desse fluxo masculino,

além de gerar um cenário de maior insegurança para as mulheres, as impõe um “cerca-mento social”, uma vez que são cada vez mais confinadas ao espaço doméstico e perdem sua mobilidade territorial. A masculinização do território também passa pelo aumento das redes de violência, pela militarização das forças de segurança, pelo aumento do consumo de álcool, da prostituição, da violência contra a mulher e pelo endossamento de outros estereótipos de gênero (Ibid.).

No caso da TKCSA/Ternium, esse processo não foi exceção à regra. Relatos de moradoras apontam para a chegada de homens asiáticos no bairro de Santa Cruz, sobretudo nos conjuntos habitacionais da Avenida João XXIII. Homens que, segundo entrevista concedida à Tavares (2022a), “eram ex-presidiários que vieram cumprir pena aqui” (Tavares, 2022a, p. 350). Esse fluxo gerava insegurança aos moradores, sobretudo às mulheres e meninas mais jovens, que passaram a se ver impossibilitadas de circular pelo bairro como faziam antes. Segundo uma moradora,

Então eles vieram cumprir pena e eles ficavam soltos aqui. A gente não sabia quem eles eram. Então, eu era mais nova na época, e eu não saía de casa direito. Como ninguém sabia que era, minha mãe não me deixava nem sair de casa. Antes era uma coisa que a gente sai na rua de noite, andava de bicicleta, mas que agora não podia mais, porque tava perigoso. (Tavares, 2022a, p. 351).

É possível pensar, ainda, na acumulação primitiva, atualizada sob a forma de despossessão, como geradora de Zonas de Sacrifício (sobre as Zonas de Sacrifício, vide Souza, 2020). Quando aplicamos essa análise para o caso de Santa Cruz, observamos que esses corpos vulnerabilizados pela reprodução expandida do capital, em sua maioria, são corpos negros e feminizados. Isso permite afirmar que, conforme o capital busca novas áreas para incorporar, ele define zonas de sacrifício, ou seja, áreas nas quais “a saúde física e mental e a qualidade de vida dos seres humanos são comprometidas em nome do

‘desenvolvimento econômico’ ou ‘progresso’ – mas, em última análise, em prol dos interesses capitalistas”¹³ (Souza, 2020, p. 1, tradução livre).

Resumidamente, podemos entender as Zonas de Sacrifício como

[...] um espaço que, por abrigar moradores tipicamente pobres e pertencentes a grupos sociais subalternizados, passam a ser tratados pelas elites empresariais e pelo Estado como destinos “ideais” de atividades ou resíduos ambientalmente muito impactantes, como indústrias altamente poluentes e lixo tóxico. Para além do racismo subjacente à desvalorização das vidas de quem vive nesses espaços, há, ainda, com frequência um cálculo político (que muitas vezes se revelou equivocado), de acordo com o qual, por serem socioeconomicamente vulneráveis, a capacidade de resistência dos habitantes seria menor (Souza, p. 43, 2020).

Diante de tais explicações, evidencia-se o vínculo acumulação primitiva, desterritorialização e Zonas de Sacrifício como linguagens as quais podemos nos referir às ações da empresa Ternium no território de Santa Cruz. Desde a escala global em que o capital transnacional opera, perpassando pelo bairro e pelos corpos, o sacrifício ambiental (Souza, 2020) é concomitantemente um sacrifício dos corpos feminizados e negros. Diante dessas violências, o que necessitamos entender é como a empresa tenta se livrar de todo esse estigma; de que forma esses corpos feminizados são atingidos pela presença da fábrica; quais as políticas e práticas ela têm no território que circunda a fábrica para tentar oxigenar este ar ferroso que segue seu rastro. Nos próximos tópicos, faremos uma análise mais detalhada sobre esse tema.

¹³ No original: “the physical and mental health and the quality of life of human beings are compromised in the name of ‘economic development’ or ‘progress’ – but ultimately for the sake of capitalist interests” (Souza, 2020, p. 1).

2. O peso do ar: A estratégia da Responsabilidade Social Corporativa (RSC)

Ao longo do século XX, diversos debates foram realizados em torno da Responsabilidade Social Corporativa (RSC), definida por Ramiro como “o resultado de que as grandes corporações tenham aprendido como devem enfrentar as críticas que se fazem a elas pela sociedade civil por conta dos efeitos de suas atividades” (Ramiro, 2009, p. 9, tradução livre). Duas vertentes se destacaram nesses debates. Uma primeira, ligada a Milton Friedman, economista mais influente no pensamento neoliberal, defendia que a única responsabilidade social de uma empresa deveria ser incrementar seus lucros e benefícios. Essa vertente ficou conhecida como “teoria dos acionistas” (ou “shareholders”). O autor era abertamente contra ações sociais promovidas por empresas e chegou a tratar a RSC como uma “medida subversiva” em uma sociedade “livre” (Ramiro, 2009).

159

Uma segunda vertente, sistematizada por Freeman em 1984, sugeria que as corporações não deveriam se centrar apenas na otimização das operações e no aumento dos lucros para seus proprietários e acionistas, mas também considerar todas as “partes interessadas” no empreendimento. Criou-se, então, a teoria dos stakeholders, ou “partes interessadas”. Tais partes são definidas por Freeman (1984 *apud* Ramiro, 2009) como “qualquer grupo ou indivíduo que possa afetar ou ser afetado pelo alcance dos objetivos da empresa”. Essa teoria defende que grupos direta ou indiretamente afetados por um determinado empreendimento devem receber parte dos benefícios dessa atividade. Um resultado desse modelo, que se fortaleceu desde a década de 1980, foi a participação cada vez maior de grandes corporações em diversos aspectos da vida cotidiana das pessoas. É o que acontece no caso da siderúrgica Ternium, no qual a empresa promove atividades de esporte, lazer, educação, assistência social etc., estando, há mais de uma década, presente em diversos âmbitos da vida cotidiana de boa parte dos moradores do bairro de Santa Cruz.

Por se tratar de uma população tipicamente periférica, com baixos índices de progresso social (IPS), desenvolvimento social (IDS) e diversos direitos historicamente negados¹⁴, a Ternium oferece serviços – em forma de ações sociais – para conquistar a chamada “licença social para operar”, definida pela gerente de relações institucionais com a comunidade da Ternium como “uma autorização dos nossos vizinhos pra gente operar e eu trabalho pra essa licença social, a Ternium trabalha para ser uma boa vizinha, para que os nossos vizinhos queiram a nossa empresa na nossa região.” (Podcast Atual, 2023). A licença social para operar, expressão corriqueira nos discursos empresariais, é entendida como um consentimento obtido junto à população impactada por um empreendimento. Segundo a mineradora *Angloamerican* “deixar de tratar dos interesses comunitários e perder assim o apoio da comunidade (a licença para operar) já resultou em grave perturbação, ou fechamento, de muitos grandes projetos de investimento” (*Angloamerican*, 2009, p.15 *apud* Giffoni Pinto, 2019).

As medidas de Responsabilidade Social incentivadas e financiadas pela Ternium e por sua antecessora, a TKCSA, serão aqui analisadas com base em três momentos identificados por Tavares (2021). Destaca-se, de antemão, que nos aprofundaremos apenas nas ações sociais promovidas no “terceiro momento”, referente ao período no qual se escreve o presente artigo. É importante ressaltar que, é através dessas medidas, que a empresa consegue se territorializar de modo totalitário no bairro, gestionando aspectos da saúde, educação, lazer e outros aparatos do poder público e criando um consenso positivo sobre a sua presença.

Um primeiro momento se refere ao período no qual a siderúrgica esteve sob a administração da TKCSA (entre os anos 2010 a 2016). Acrescenta-se, ainda, o período anterior ao início da operação, quando a administração da siderúrgica já financiava ações em benefício do Estado e de alguns pescadores artesanais, fortemente impactados durante

¹⁴ Santa Cruz aparece entre os 10 bairros com os menores Índices de Desenvolvimento Social, enquanto a Região Administrativa de Santa Cruz aparece entre as 10 regiões do município do Rio de Janeiro com menores Índices de Progresso Social (Publici *et al.*, 2017; Tavares, 2022b).

a construção do *monstro projeto*. Dentre essas ações, destacam-se a compra de equipamentos para órgãos públicos, a melhoria em ruas do bairro de Santa Cruz e apoios à entidades de pesca (PACS, 2015). Somente a partir de 2010, ano do início das operações e dos impactos decorrentes – mais perceptíveis aos moradores dos arredores da siderúrgica – é que o foco das ações de RSC mudou efetivamente: do ponto de vista da empresa, foi necessário realizar projetos sociais que afetassem diretamente os moradores do bairro, principalmente dos conjuntos habitacionais da Avenida João XXIII, mais atingidos pelos impactos ambientais decorrentes de sua atividade. Dentre as ações sociais, se destacam o jornal “Alô comunidade” e a construção do Colégio Erich Walter Heine, ambos frutos de acordos entre a empresa e o poder público (PACS, 2015).

Cumprir destacar que o princípio da voluntariedade é um elemento central para a teoria da RSC. Nesse sentido, ações sociais vinculadas a medidas compensatórias por danos causados pela própria empresa, em teoria, podem não ser identificadas como tal. É o caso de diversos programas e estratégias postas em prática pela antiga gestão. A TKCSA investiu em suas ações sociais apenas o necessário para cumprir seu valor legal. Isso porque, a partir do início das operações da siderúrgica – e dos consequentes episódios de chuva de prata – a população dos arredores foi manifestando cada vez mais sua insatisfação em relação ao empreendimento, colocando em risco a legitimidade do mesmo. Nesse contexto, uma solução encontrada pela empresa foi assinar acordos como o Termo de Cooperação Ambiental (TCA) e o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com órgãos do Estado. Destaca-se que dentre as ações vinculadas ao TAC assinado pela TKCSA estava a realização de um estudo epidemiológico,¹⁵ que não foi realizado.

¹⁵ O estudo epidemiológico seria fundamental para o devido conhecimento das consequências da operação da siderúrgica para a população do entorno e, somente através dele, seria possível encontrar umnexo causal entre a atuação da empresa e as doenças frequentemente atestadas pelos moradores. Karina Kato, pesquisadora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), destaca: “A gente esbarra sempre na impossibilidade de conseguir achar umnexo causal entre a empresa e as doenças, o que requereria um estudo epidemiológico muito grande, muito bem feito a partir do Estado, e isso nunca é feito” (Fiocruz, 2022).

Um segundo momento se inicia a partir da compra do complexo siderúrgico pela Ternium — filial do grupo ítalo-argentino Techint. Como destacado anteriormente, o valor das ações da TKCSA compradas pela Ternium correspondia a um terço do valor inicial da siderúrgica, o que evidencia a desvalorização do empreendimento ao longo dos anos de atividade. Nesse período, a nova administração manteve alguns dos projetos iniciados pela TKCSA, porém, como destacou Tavares (2021), houve uma mudança na estratégia no que diz respeito ao relacionamento entre a siderúrgica e a população do entorno.

A partir de 2017, todas as ações sociais foram acomodadas em um programa maior chamado “Usina Comunitária Ternium”. Os quatro campos de atuação do programa eram educação, cultura, esporte e cidadania e, segundo a empresa, já no ano de 2017 os projetos e os investimentos referentes a eles aumentaram. Segundo Tavares, “no ano de 2017 o investimento atingiu a cifra de R\$3.724.000,00, já no ano de 2018 o investimento aumentou 38%, chegando ao valor de R\$5.125.234,74” (Tavares, 2021, p. 14). Segundo o site da empresa, o programa visava promover o desenvolvimento local. O site também dizia que tal objetivo é uma diretriz da política de responsabilidade social da empresa.

Vale destacar que a Ternium se preocupou com sua imagem de “parceira” da população do entorno desde o primeiro dia de funcionamento sob sua administração. Fernanda Candeias destaca:

No primeiro dia, a Ternium colocou um outdoor na entrada da empresa dizendo ‘a gente acredita que a indústria cresce junto com a comunidade’. Quando eu li aquilo, Marcelo, eu falei ‘meu Deus’. Porque a gente passa tanto tempo falando pras pessoas sobre a licença social (Podcast Atual, 2023).

Esse discurso foi acompanhado de uma estratégia de *rebranding* – entendida como um reposicionamento da marca de uma determinada empresa visando torná-la mais positiva na mente da opinião pública como um todo –, ao desassociar totalmente a Ternium da antiga gestora, a TKCSA. Ao se mostrar como uma empresa de uma vertente diferente do ramo, mais preocupada com questões sociais dos moradores vizinhos às suas plantas

industriais, a nova administradora buscou apagar o histórico presente em Santa Cruz de contestações, de violações ambientais e de direitos humanos.

Um terceiro momento é identificado a partir de 2020, quando a siderúrgica muda a forma de lidar com potenciais fontes de descrédito pela opinião pública. Nesse momento mais recente, a Ternium visa acompanhar uma tendência no setor corporativo mundial, seguindo diretrizes baseadas no ESG (Environmental Social Governance). Tavares (2021) adverte, no entanto, para o aumento da atenção e dos investimentos na dimensão “ambiental” do ESG sob o marco discursivo do aquecimento global. A partir de 2020, portanto, houve um acréscimo de investimento em ações como redução de emissões de CO₂, de Material Particulado, gestão de efluentes etc. Somente em 2022 foram gastos 89,6 milhões de dólares em projetos ambientais em todas as plantas da Ternium. De 2018 a 2022 esse valor chegou a 349 milhões de dólares investidos. Os gastos com programas sociais no mesmo período foram de 65,7 milhões (equivalente a 18,8% do valor gasto em projetos ambientais).

Pedro Teixeira, VP Legal e Institucional da Ternium, destaca a importância do ESG em um evento realizado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN):

[...] isso hoje é fator de competitividade. [...] Quem não tiver sintonizado nesse movimento, vai ser cancelado. [...] Temos a convicção que estamos antenados, e estamos tentando liderar, do ponto de vista tecnológico, aquelas mudanças que são importantes para o setor siderúrgico (Teixeira, 2021).

No mesmo sentido, Fernanda Candeias aponta;

A gente fala que antigamente a área de meio-ambiente era vista como aquela área que cuida de meio-ambiente, hoje em dia o ESG é a sustentabilidade do negócio, então não tem como pensar diferente hoje em dia, então você tem que saber acompanhar essa evolução e estar preocupado de fato (Podcast Atual, 2023).

Buscando atender a essa demanda do setor corporativo, a Ternium elabora, anualmente, relatórios de sustentabilidade, onde expõe suas ações e investimentos em ESG. Como destacam Naeem e Cankaya (2021), a divulgação de informações relacionadas ao ESG é altamente valorizada no mercado financeiro, principalmente no caso das indústrias ambientalmente sensíveis, como é o caso de siderúrgicas, mineradoras e indústrias químicas. Para além da gestão do “risco social” e da intenção de passar uma boa imagem para a opinião pública como um todo, tais investimentos têm potencial de impacto direto na criação de valor e no desempenho financeiro das corporações (Ramiro, 2009; Naeem; Cankaya, 2021). Assim, à medida que um empreendimento ambientalmente sensível publica com maior volume e profundidade seus dados de ESG, maior tende a ser o impacto na sua avaliação de mercado e no seu desempenho financeiro (Garcia *et al.*, 2017).

Fica evidente, portanto, que, independentemente do momento e do enfoque das medidas de responsabilidade social promovidas pela administração da siderúrgica, lidar com os chamados “riscos sociais corporativos” é fundamental por parte da empresa. Os riscos sociais (riscos não-técnicos) se referem à possibilidade de que algum stakeholder leve “adiante uma questão social, pressionando a corporação (explorando sua vulnerabilidade através da reputação, da imagem corporativa)” (Kytile; Ruggie, 2005 *apud* Giffoni Pinto, 2010, p. 90). É de interesse das corporações, portanto, antecipar tais riscos, criando sistemas de gestão que incluam algum tipo de conexão com as “comunidades”. Nesse sentido, é importante conhecer as variáveis que podem influenciar no retorno dos investimentos e nos ganhos comerciais da empresa, a fim de “reduzir as surpresas, antecipar ou simular comportamentos defensivos ou agressivos” (Acselrad; Giffoni Pinto, 2009, p. 55).

Antes de analisar as ações sociais promovidas pela Ternium nos últimos anos, vale destacar que a administração da siderúrgica (à época TKCSA) realizou, em 2009, uma pesquisa sobre a população de Santa Cruz na qual foram recenseados mais de 17 mil moradores. A pesquisa, denominada “Censo social sobre Santa Cruz e adjacências”, foi incluída

como uma das medidas compensatórias pactuadas com o estado do Rio de Janeiro – vinculadas às condicionantes da licença ambiental do empreendimento. Com isso, a TKCSA tornou-se detentora de um conhecimento detalhado sobre a população de Santa Cruz e pôde planejar quais medidas seriam mais urgentes e quais serviços eram mais precários de acordo com os moradores. Ou seja, desde o início, a empresa planeja suas intervenções com precisão, tendo em mãos dados sobre as percepções e opiniões da população afetada pela sua atuação, fazendo com que a lógica espacial de tais intervenções possam ser “cirurgicamente” planejada (PACS, 2015).

Segundo o relatório de sustentabilidade de 2022 da Ternium, o valor gasto em programas sociais pela empresa em todas suas plantas foi de 21,2 milhões de dólares. Destaca-se que a Ternium aumentou esse tipo de investimento nos últimos quatro anos, sendo o valor investido em 2022 mais de três vezes superior ao investido em 2019. Vale destacar que vários destes programas sociais são compartilhados pelas plantas da Ternium localizadas na Argentina, no México e no Brasil, ou seja, existe uma padronização das ações sociais da Ternium em suas áreas de atuação, seguindo um modelo da empresa.¹⁶

Na **carta-imagem 2** são identificadas 12 ações sociais promovidas pela Ternium em Santa Cruz e divulgadas em seu site no ano de 2019.

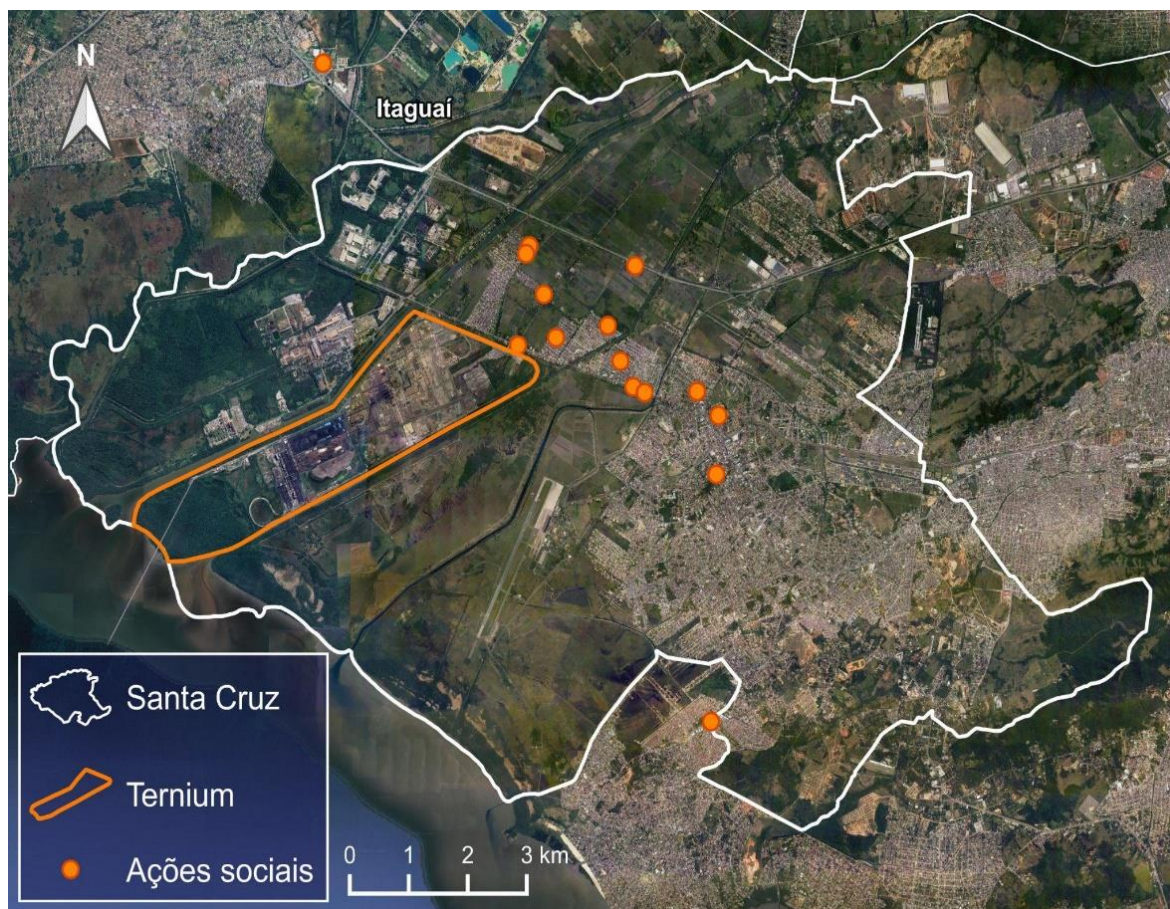
Carta-imagem 2 – Distribuição espacial das ações sociais englobadas no programa *Usina Comunitária Ternium*.

¹⁶ É o caso das Escolas Técnicas Roberto Rocca (serão detalhadas a seguir), do programa “Voluntários em Ação”, “Corrida 10K Ternium”, “Gen Técnico Roberto Rocca” e “Bolsas Roberto Rocca”.



Fonte: Ternium (2019).

Já na **carta-imagem 3**, são identificadas 15 intervenções promovidas pela empresa em 2023, ou seja, três a mais que em 2019. Cumpre destacar que o Mapa 2 se baseia em um mapa de atuação da empresa exibido aos visitantes na planta industrial. Observa-se que, atualmente, apenas uma ação não se localiza no bairro de Santa Cruz. É o caso do programa Gen Técnico Roberto Rocca – programa de capacitação para jovens estudantes do curso técnico de mecânica – promovido no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Itaguaí.

Carta-imagem 3 – Distribuição espacial das ações sociais promovidas pela Ternium Brasil.

Fonte: Carta-imagem organizada por Carvalho (2023).

Podemos observar, assim, uma alteração na distribuição espacial das ações de 2019 para 2023, com uma maior projeção das intervenções sobre o bairro – e até para além dele –, alcançando, conseqüentemente, mais moradores. O destaque vai para os arredores da siderúrgica, mais especificamente para as áreas residenciais da Avenida João XXIII e adjacências, representadas com maior detalhe na **carta-imagem 4**. Nela, as ações sociais representadas em branco correspondem às intervenções voltadas para o campo da educação.¹⁷

¹⁷ No caso da Escola Municipal Marinheiro João Cândido (EMMJC), existem ações voltadas à dimensão esportiva (Futebol) e educacional (Programa Voluntários em Ação).

Carta-imagem 4 – Distribuição espacial das ações sociais promovidas pela Ternium Brasil em 2023.

Fonte: Organizado por Carvalho (2023).

Das 12 ações sociais identificadas pela empresa em 2019, cinco eram voltadas para o campo da educação. Já em 2023, das 15 intervenções identificadas, 11 estão voltadas para essa área. No tocante às adjacências da Avenida João XXIII, em 2019, a Ternium interveio apenas no Colégio Erich Walter Heine e no projeto Reforço Escolar. Atualmente, além de manter estas duas ações, a empresa promove o projeto Voluntários Em Ação nas Escolas Municipais Japão, Adalgisa Nery, Roberto Coelho e Marinheiro João Cândido. Além disso, oferece bolsas de estudo (Bolsas Roberto Rocca) no Colégio Estadual Erich Walter Heine e expandiu o projeto Aula Extra para o Colégio Erich Walter Heine e para a Escola Municipal Japão. Sendo assim, no tocante às áreas mais próximas à siderúrgica, a Ternium promove ao todo nove ações sociais, sendo seis voltadas para o campo da educação.

Além dos programas representados na carta-imagem 4, a empresa promove outras ações pontuais, como atividades culturais, esportivas e de assistência social. Atualmente todas as ações sociais vinculadas à Ternium estão a cargo do Instituto Ternium, organização lançada em março de 2023 que tem a responsabilidade de administrar todos os programas sociais da empresa. Fernanda Candeias também é a diretora do instituto, identificado como mais uma estratégia da empresa nesse terceiro momento.

Como pode ser observado nos mapas, no tocante à dimensão social do ESG, a Ternium vem privilegiando projetos voltados para a educação de crianças e jovens. Dentre eles destacam-se as bolsas de estudos fornecidas pela empresa a jovens do entorno, “Bolsas Roberto Rocca”; reformas de escolas dos arredores da siderúrgica; programa Voluntários em Ação; curso preparatório Pré-ENEM e o reforço escolar. Em 2023, o maior desses projetos foi anunciado pela Ternium: a construção de uma escola técnica em Santa Cruz,¹⁸ destacada na carta-imagem 4. Essa é a terceira escola técnica construída e financiada pela empresa. As outras duas se localizam em Campana, na Argentina, e em Pesquería, no México.

Fica evidente, portanto, que um dos pilares para a conquista da “licença social para operar”, do ponto de vista da Ternium, é a educação. Segundo Fernanda Candeias, um estudo do cenário da educação em Santa Cruz foi feito pela Ternium, a fim de justificar para seus acionistas a pertinência do alto valor a ser investido em uma escola técnica. Em entrevista ao *Jornal Atual*, os baixos indicadores sociais de Santa Cruz são destacados pela própria gerente de relações com a comunidade da Ternium:

A Ternium acredita que a indústria tem que crescer junto com a comunidade do seu entorno, né. Isso pra gente é uma missão e um valor. E, para que a gente cresça junto com a comunidade, a gente tem que desenvolver essa comunidade. **A gente desenvolve por meio da educação. [...] A gente**

¹⁸ A escola poderá atender a até 600 jovens e levará o nome do fundador da empresa, Roberto Rocca. Segundo Fernanda Candeias, a escola atenderá a jovens do bairro de Santa Cruz e do município de Itaguaí. O investimento será de 200 milhões de reais, valor quatro vezes maior do que o investido pela Ternium em ações sociais em Santa Cruz desde que chegou, em 2017 (aproximadamente 50 milhões de reais).

está numa região com indicadores muito baixos então a gente tem missões claras de elevar os indicadores dessa região, ter cada vez mais nossos colaboradores moradores da região e um outro conceito que a gente fala bastante que a gente trabalha diariamente na Ternium é a nossa licença social para operar (JB Entrevista, 2023, grifo nosso).

Contudo, nesse contexto, faz-se oportuna a indagação realizada através do material organizado pelo Instituto PACS (2022): “A educação pública de qualidade é um direito de moradores e moradoras ou um produto de troca para que a empresa possa continuar poluindo?”. Nesse sentido, é interessante chamar a atenção para como as ações de RSC e ESG ganham capilaridade dado o contexto de crise de cuidados que vivemos frente ao capitalismo financeirizado (Fraser, 2020). Bem como o trabalho doméstico, em uma análise expandida, podemos encarar a reprodução social como um conjunto de atividades pouco ou não remuneradas realizadas em associações sociais, redes informais e instituições públicas, sobretudo nas áreas de saúde, lazer e educação. São justamente essas áreas, voltadas à reprodução social da comunidade, que a Ternium vem se apropriando.

Dessa forma, considerando que o trabalho reprodutivo colabora para a conformação da sociabilidade de um grupo, podemos inferir que a Ternium se aproveita da crise do cuidado e da ausência do Estado no bairro, observada através de seus baixos indicadores socioeconômicos, para garantir a sua legitimidade no território. Se posicionando como um sujeito central e garantidor de serviços para o bairro, uma confusão entre a esfera pública e a privada possibilita reorganizar o conflito social a seu favor. Assim, intensifica-se “um processo de confusão intencional entre o público e o privado. Cada vez mais, o privado e o mercado são as referências e as empresas se apresentam como os principais agentes do desenvolvimento e bem-estar das pessoas” (Moreno, 2020, p. 139).¹⁹ Em entrevista para Tavares, uma moradora afirma que

¹⁹ No original: “profundizando un proceso de confusión intencional entre lo publico y lo privado. Cada vez más lo privado y el mercado son los referentes y las empresas se presentan como los principales agentes del desarrollo y bienestar de las personas” (Moreno, 2020, p. 139)

A população acha que é benfeitoria da empresa. Ela pensa que é algo que o governo deveria estar fazendo, mas não está, como o reforço escolar, as atividades esportivas, a reforma de escolas. Tudo quem faz é a empresa, então ela acaba passando uma boa imagem para população que não está entendendo o que está acontecendo de verdade. (...) As denúncias eram feitas, e eles continuavam operando como se nada tivesse acontecendo. Isso é assim até hoje. **O que eles fazem são ações (sociais) que vão apagando tudo de ruim que fazem até hoje** (Tavares, 2022a, p. 354, grifo nosso).

Vemos, dessa forma, a reprodução social sendo externalizada do setor público, e as corporações buscando soluções privatizadas de compensação pelo sofrimento ambiental no qual as comunidades estão expostas. O preço desse processo recai de forma específica às mulheres, responsáveis pela reprodução social em escala doméstica, que acabam se tornando mais vulnerabilizadas diante da presença dos *monstros projetos* e dos impactos que eles causam na população.

3. Das mulheres atingidas ao *purplewashing*

Ao longo deste artigo, buscamos compreender de que forma a presença da Ternium expropria modos de existência em Santa Cruz, bem como as estratégias corporativas da empresa para ganhar legitimidade de seus moradores. No entanto, como assinalado na primeira seção, nos interessa concluir o artigo evidenciando a forma com que a desterritorialização afeta, em especial, os corpos das mulheres, bem como indagar se há alguma ação social da Ternium voltada, especificamente, às mulheres atingidas pela fábrica. Para tal, nos baseamos em entrevista realizada com mulheres jovens da comunidade e em trechos de entrevistas já disponíveis *online*, além de termos realizado uma análise metalinguística da forma com que as mulheres são representadas pela fábrica.

O que a análise da Ternium evidenciou é que, de fato, o cuidado com as mulheres se limita aos termos do mercado. Na prática, ao buscarmos ações de RSC voltadas às mulheres atingidas, encontramos somente duas ao longo de 5 anos: a doação de uma máquina para diagnóstico de câncer de mama,²⁰ em 2019²¹ e a contratação de costureiras de Santa Cruz na pandemia para elaboração de máscaras.²² No entanto, essas mulheres são grandes vítimas da presença da fábrica em seu território, que vem criando necessidades e imposições aos seus corpos, sobretudo no tocante ao aumento de suas atividades reprodutivas e do trabalho do cuidado.

Entre as mulheres entrevistadas de Santa Cruz, parece ser um consenso os impactos direcionados aos seus corpos. Em seus relatos, é comum observar, sobretudo, críticas ao aumento do trabalho doméstico vinculado ao pó cinza liberado pelas chaminés da fábrica e ao aumento do adoecimento da comunidade, com destaque as doenças respiratórias, oftalmológicas e dermatológicas, bem como o aumento de quadros de cansaço, dores de cabeça e pressão alta. Sobre a questão da saúde, em entrevista, uma moradora²³ afirmou que

Então eu nunca tive problema respiratório até a empresa vir. Aí depois que a empresa veio, eu comecei a ter alergia, mas sempre em relação a poluição do ar mesmo, poeira e essas coisas, e rinite, né? Que eu passei a ter muito, sinusite. **E aí, quando eu vou para outros lugares, eu não tenho nenhuma crise. Quando eu vou para Santa Cruz, eu já tenho crise de sinusite.** Então eu consigo sentir muita essa diferença de lugares. (Moradora 1, 2023).

²⁰ Disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/outubro-rosa-07598790319>>. Acesso em 23/03/2024.

²¹ É importante sinalizar que, em termos quantitativos, esses investimentos são uma parte ínfima do valor que a Ternium investe em RSC. No caso da doação da máquina, metade do valor foi arrecadado através das inscrições no evento Corrida 10k da Ternium, não sendo aplicado diretamente pela empresa. No caso das costureiras, a empresa não disponibilizou o montante investido.

²² Disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/doacao-4-milhoes-25434869020>>. Acesso em 23/03/2024.

²³ Por motivos de discrição, optamos por não revelar o nome dos entrevistados.

A exposição aos passivos ambientais da Ternium provoca o que Swistun e Auvero consideram um sofrimento ambiental, definido pela “forma particular de sofrimento social causado pelas ações poluidoras concretas de atores específicos”²⁴ (Auyero; Swistun, 2009, p. 17, tradução livre). Vale destacar que o sofrimento ambiental recai de forma assimétrica socialmente. Os que saem menos do próprio bairro estão mais intensamente expostos à contaminação pois vivem grande parte ou todo o dia nos arredores da siderúrgica. Destacam-se nesse grupo crianças, idosos, pessoas com restrição de mobilidade e, principalmente, mulheres responsáveis pelo trabalho reprodutivo.²⁵ Estes, por estarem mais tempo em suas residências e arredores, estão mais expostos, principalmente à poluição *indoor* (ar interno). Nesse sentido, “atividades como varrer, tirar pó e cozinhar contribuem para a suspensão das partículas. Os particulados produzidos em ambientes internos são, em geral, menores que os externos [...] essas características fazem dos particulados internos potencialmente mais perigosos (Schirmer *et al.*, 2011). Nos arredores da Ternium, comuns são os relatos que associam a presença do pó proveniente da usina a um trabalho inesgotável, em um ciclo constante entre limpar o pó e ele aparecer de novo nas casas.

A presença totalitária da Ternium em Santa Cruz, como no hospital Dom Pedro II e nas Clínicas da Família, dificulta os moradores de seu direito à saúde ao negar, grande parte das vezes, laudos que associam a presença da fábrica ao aumento das enfermidades. Em relatório publicado em 2014, a dificuldade de se obter um laudo sobre a causa dos problemas é relacionada ao medo por parte de alguns profissionais de saúde de denunciar a situação e acabar se prejudicando, dada a proximidade entre a administração da siderúrgica (à época, TKCSA) e os centros de saúde do entorno (PACS, 2014).

²⁴ No original: “[...] a particular form of social suffering caused by the concrete polluting actions of specific actors [...]” (Auyero; Swistun, 2009, p. 17).

²⁵ Caracterizado por ser o conjunto de atividades desempenhadas pelas mulheres que possibilita a manutenção da vida dos indivíduos: “atividades e responsabilidades não remuneradas exigidas no cotidiano, desde a alimentação, os cuidados com as crianças e idosos, até a reprodução sexual”, sobrecarregando essas mulheres (Oliva; Pérez; Da Rocha, 2023, p. 124)

Além disso, segundo o mesmo relatório, a dificuldade em estabelecer um nexo causal é evocada por médicos e enfermeiros, que atentam para a necessidade de realização de um grande estudo epidemiológico, já comentado anteriormente. Segundo relato de uma moradora, “[...] não conseguimos os dados por causa da empresa. [...] a Clínica da Família é fechada com a empresa. O hospital é fechado com a empresa” (Tavares, 2022a, p. 353).

Essa dificuldade de se comprovar algumas reivindicações devido ao controle técnico e biopolítico do território pela empresa vem provocando crescente adoecimento psicológico para os moradores que lutam contra a presença da fábrica (em sua maioria, mulheres). O resultado é um sofrimento duplo, materializado, tanto pela contaminação e sobrecarga, como um sofrimento psicológico devido à dificuldade da comprovação de um nexo causal.²⁶ De forma geral, além de assédios constantes, as mulheres acabam sofrendo por serem retratadas como mentirosas/histéricas, pelos assédios morais e pelo cansaço devido à demora nos trâmites jurídicos. A isso somam-se as questões raciais e de classe, em um bairro marcado principalmente pela presença de mulheres pretas chefes de família, revelando a interseccionalidade que atravessa os corpos atingidos e dificulta a obtenção da justiça ambiental em sua luta contra a siderúrgica.

Realizando um levantamento acerca da representação das mulheres no site da Ternium, notamos uma grande inconsistência no tocante ao tratamento que a empresa confere às mulheres que trabalham na fábrica e às mulheres atingidas pela fábrica. Aqui não estamos fazendo uma análise sobre as reais condições de trabalho das funcionárias da Ternium, mas buscando evidenciar a representatividade dessas mulheres através da análise das fotografias, estratégias de marketing e notícias presentes em seu site.

²⁶ A Ternium exime sua responsabilidade pelo adoecimento dos moradores dos arredores da siderúrgica exigindo o nexo causal entre a contaminação ambiental e as enfermidades. Penido (2019), ao analisar a postura da Samarco no caso do rompimento da barragem de Fundão, destaca a exigência do nexo causal por parte da empresa como um instrumento técnico-político de controle das contestações respaldado pelas ciências técnicas da área das engenharias e pelas ciências médicas. Nesse sentido, apesar de se tratarem de situações e contextos distintos, existem semelhanças entre a postura da Ternium/TKCSA e da Samarco no desastre de Mariana (MG).

Bem como outras empresas, a Ternium se deu conta que a diversidade já funciona como um indicador de qualidade corporativa. Sendo assim, o vocabulário feminista de empoderamento e representatividade surge repetidamente na publicidade da empresa. Em entrevista, Fernanda Candeias afirma que

Diversidade quem não começou já está atrasado, né? A gente diz que a diversidade já tá muito além da mulher no mercado de trabalho. **A gente fala hoje de uma questão já de reputação das empresas. Já virou indicador, as empresas são cobradas por isso.** Hoje os talentos procuram empresas que tenham políticas de diversidade. Isso é muito importante. Pra eu atrair os melhores funcionários eu tenho que ter uma empresa que pense na diversidade e que trabalhe questões de diversidade políticas de diversidade e inclusão nas suas empresas. Assim eu consigo captar os melhores talentos do mercado. (Podcast JB Entrevista, 2023, grifo nosso).

Com isso em mente, ações com perspectiva de gênero são instrumentalizadas e mercantilizadas para promover o sucesso da empresa e torná-la mais apazível, apesar das críticas e do seu histórico de passivos ambientais. Em referência clara ao *greenwashing*²⁷, também exercido com maestria pela Ternium, basta analisar seus relatórios anuais de sustentabilidade, a feminista Brigitte Vasallo enquadra a apropriação liberal do léxico feminista pelas empresas como *purplewashing* (Castro, 2021). Nos interessa, nesse momento, compreender as estratégias de *purplewashing* a partir do discurso da empresa.

Quando realizamos um levantamento das imagens utilizadas no site da Ternium, por exemplo, notamos que entre as subpáginas “quem somos”, “carreira”, “inovação” e “sustentabilidade”, há a presença de mulheres em 47 das 62 fotos levantadas, com domínio de mulheres brancas. Não só o quantitativo de mulheres aparecendo nas fotos é relevante e indica o posicionamento da empresa, como outras estratégias são evidenciadas, como por exemplo: I) a utilização de mulheres em primeiro plano e homens desfocados em segundo (**Foto 1**); e II) a presença de citações de mulheres funcionárias da

²⁷ Prática corporativa que visa utilizar propagandas e ações para associar a imagem da empresa com condutas sustentáveis e comprometidas com o meio-ambiente.

fábrica afirmando como a Ternium é inclusiva ou como o setor da siderurgia está se tornando menos masculino (**Foto 2**).

Foto 1 – Mulher funcionária em primeiro plano.



Fonte: Ternium Brasil (s/d).

Foto 2 – Citação sobre representatividade feminina.



“ O programa de Trainee da Ternium representa uma oportunidade de desenvolvimento e de aprendizagem diários com profissionais experientes. Além disso, é um orgulho atuar na siderurgia ocupando um espaço, antes quase totalmente masculino, e hoje cada vez mais diverso. ”.

Fonte: Ternium Brasil (s/d).

A seção “notícias” também nos confere um material muito amplo para pensarmos a maneira com que a empresa se apropria do léxico feminista. Ao analisar as notícias presentes no site entre julho/2019 e outubro/2023, percebemos que 8,7% das notícias no site reiteram a tônica do empoderamento feminino, da representatividade no setor da siderurgia e o compromisso da Ternium com a equidade. Embora em termos quantitativos pareça um número irrelevante, o conteúdo dessas matérias é pensado cuidadosamente para posicionar a Ternium como uma empresa “feminista”²⁸. Em 2020, por exemplo, a empresa fez uma série intitulada “Mulheres que Inspiram” para contar a história das mulheres que trabalham na fábrica. Assim, são levantadas narrativas acerca da entrada das mulheres na área da siderurgia, sobre conquista de espaço em uma área masculinizada, e inclusive, sobre a conciliação entre cargos de responsabilidade na empresa com a maternidade.

Um caso emblemático, relacionando a empresa com a maternidade, é na notícia “Ser mãe: diferencial no mercado de trabalho” em que há uma reflexão sobre as competências que as mães desenvolvem e que são benéficas ao mercado de trabalho,²⁹ como podemos notar no trecho abaixo. Além disso, a Ternium faz questão de se colocar como uma empresa que possui os três pilares essenciais para manter o equilíbrio entre maternidade e trabalho: uma boa rede de apoio, uma liderança parceira e uma empresa com boa visão.

Hoje, as mulheres ainda enfrentam desafios, mas o cenário está mudando. De acordo com a pesquisa desenvolvida para o artigo “Os Desafios da Maternidade e do Mercado de Trabalho” – escrito por Livia Marques –, a mulher que é mãe é uma das funcionárias mais responsáveis, além de ser uma das que mais têm habilidades emocionais e sociais para lidar com sua equipe de trabalho. (Ibid.)

²⁸ Vale ressaltar que não estamos afirmando que a empresa deliberadamente se intitula feminista, mas vem se posicionando a partir do léxico do feminismo liberal.

²⁹ Em íntegra, disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/mulheres-que-inspiram-vanessa-12472552720>>. Acesso em 12/11/2023.

Há, ainda, outros exemplos simbólicos quando navegamos na aba das notícias do site da empresa. Por exemplo, quando se afirma que “a separação entre ‘trabalho de homem’ e ‘trabalho de mulher’ é coisa do passado”;³⁰ que “o empoderamento feminino no mercado de trabalho está cada vez mais evidente. [...] o crescimento da presença de mulheres em áreas que ainda hoje concentram grande percentual masculino. Em uma época em que a igualdade de gênero está em alta [...]”;³¹ que “organizações com diversidade de gênero têm 15% a mais de chances de ter rendimentos acima da média”;³² que “a Ternium não diferencia gêneros. Tratamento é não diferenciado. O importante é a competência profissional e a vontade de fazer”;³³ e que “na Ternium, esse estigma [de que a indústria é majoritariamente masculina] deixou de ser realidade há alguns anos e hoje já é possível circular pela planta e observar mulheres desempenhando o mesmo papel dos homens na operação industrial”.³⁴

O *purplewashing* da Ternium, assim como de diversas outras empresas voltadas aos setores extrativistas e neodesenvolvimentistas, pode ser relacionado com o que Nancy Fraser (2020) chamou de giro “da redistribuição ao reconhecimento” ao analisar cada uma das ondas no feminismo. Não pretendemos nos alongar nesse debate, mas é interessante sinalizar que, conforme o feminismo foi ganhando mais adeptas e o Estado de bem-estar social foi transformando-se em um Estado neoliberal, as feministas da segunda onda passaram a buscar noções de justiça para além do economicismo (*redistribuição*), defendendo uma noção de justiça ampliada e o *reconhecimento* de aspectos reprodutivos, de sexualidade, de raça, etc.

³⁰ Na íntegra, disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/mulheres-que-inspiram-amanda-25944705220>>. Acesso em 12/11/2023.

³¹ Na íntegra, disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/mulheres-que-inspiram-evelin-00250626220>>. Acesso em 12/11/2023.

³² Na íntegra, disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/mulheres-que-inspiram-leila-15673547120>>. Acesso em 12/11/2023.

³³ Na íntegra, disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/programa-eureka-mulheres-engajadas-na-solucao-de-p-07133116720>>. Acesso em 12/11/2023.

³⁴ Na íntegra, disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/agora-e-que-sao-elas-09263868421>>. Acesso em 12/11/2023.

O fato é que, como sinaliza a autora, o novo regime político-econômico se apropriou, para benefício próprio, das pautas por reconhecimento. E assim, empresas passam a vincular seu *marketing* com o empoderamento feminino, e o discurso da representatividade e da entrada das mulheres no mercado de trabalho ganha aceitação e normalização no hegemonicamente.

O capitalismo neoliberal, assim, “resolve” certa demanda por reconhecimento. No entanto, assim como as grandes empresas, externaliza e individualiza os cuidados das famílias e reduz a capacidade das mesmas de se encarregarem por suas atividades reprodutivas (Fraser, 2020). O que temos é “um neoliberalismo ‘progressista’, que celebra a ‘diversidade’, a meritocracia e a ‘emancipação’, ao mesmo tempo que desmantela as proteções sociais e externaliza a reprodução social” (Fraser, 2020, p. 87-88) e que “redefine a emancipação nos termos do mercado” (Ibid.).

Na prática, ao analisar o conjunto das estratégias que a empresa vem mobilizando nos últimos anos, apostar na representatividade feminina configura uma nova forma de maquiar os impactos que as mulheres de Santa Cruz vêm sofrendo em seus corpos. Enquanto o grupo de moradores, sobretudo os mais jovens, começam a se basear em pautas raciais e de gênero para defender-se da empresa, empregando o racismo ambiental e evidenciando os impactos sobre os corpos femininos em sua luta, a empresa busca fortalecer uma imagem de compromisso com as mulheres. Tais estratégias são insuficientes para compensar aos grupos atingidos pelas (ir)responsabilidade social corporativa que a fábrica construiu ao longo de todas suas fases administrativas.

Considerações finais

Atuando em Santa Cruz desde 2010, a siderúrgica Ternium é responsável por diversos impactos ambientais no bairro, incluindo a contaminação crônica do ar (Fiocruz, 2014;

PACS, 2017; Tavares, 2019; 2022b). Estes, embora afetem todo o bairro, colocam as mulheres e outros sujeitos feminizados em singular posição de vulnerabilidade, sobretudo por elas serem as principais responsáveis pelo trabalho do cuidado e pelo trabalho doméstico e por dependerem mais dos serviços públicos de saúde, lazer e educação que, como apontamos, foram apropriados pela empresa. Assim como os impactos, a necessidade por parte da empresa de atualizar suas estratégias de relação com a “comunidade” é constante. Nos últimos anos, houve um aumento nos investimentos em programas voltados para as diretrizes do ESG, seguindo uma tendência do setor siderúrgico – e, de modo geral, corporativo – mundial. Dentro da dimensão social do ESG, foco da nossa análise, os maiores investimentos têm sido direcionados para ações sociais no campo da educação, fundamental do ponto de vista da empresa para a conquista da “licença social para operar”.

As ações sociais promovidas pela Ternium impactam na percepção dos moradores – tanto em relação à própria empresa como em relação aos impactos dela decorrentes – e somam-se às dificuldades de se obter o nexos causal entre a contaminação ambiental e as doenças apresentadas pelos moradores na produção sócio-espacial da incerteza (Tavares, 2022b; PACS, 2015).³⁵ Torna-se evidente, portanto, que a atenção dada à relação com a “comunidade” por parte da Ternium é parte de uma estratégia de gestão de riscos sociais e de tentativa de ocultação do sofrimento ambiental causado por ela (Tavares, 2021).

A contradição na relação entre a Ternium e os moradores dos arredores é uma característica desde o início das operações da siderúrgica. Se por um lado a empresa ajuda a promover alguns direitos historicamente negados à população, por outro viola outros direitos e leis ambientais. Outro exemplo dessa relação contraditória foi evidenciado a partir da análise feita no presente artigo, nomeadamente a relação entre a Ternium e as mulheres que trabalham na empresa e/ou moram nos seus arredores. Por um lado,

³⁵ PACS (2015) destaca algumas falas do jornal produzido pela empresa (“Alô Comunidade!”) nas quais os moradores dizem ter mudado de opinião sobre a empresa devido aos projetos sociais e às visitas à planta industrial promovidos por ela.

ao benefício do capital, as funcionárias são representadas como chave para uma empresa de sucesso. Por outro, às mulheres atingidas é delegado o sofrimento ambiental – físico e psíquico – no convívio com um projeto desta envergadura.

Agradecimentos

Aos professores que ministraram a disciplina concentrada ‘Extrativismo Mineral, meio ambiente e sociedade’, simultaneamente pelas instituições UFF (Universidade Federal Fluminense), UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) e UFV (Universidade Federal de Viçosa), em especial aos professores Luiz Jardim e Bruno Milanez, à comunidade de Belisário (Muriaé-MG), esse Território Livre de Mineração onde a disciplina transcorreu entre diálogos, cervejas e afetos artesanais, ao grupo de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) e aos colegas, amigas e amigos que dividiram conosco uma semana de intenso aprendizado e debates que nos edificaram enquanto cidadãos e humanos, nossa gratidão.

Referências

- ACSELRAD, Henri. Disputas cognitivas e exercício da capacidade crítica: o caso dos conflitos ambientais no Brasil. **Sociologias**, v. 16, pp. 84-105, 2014.
- ACSELRAD, Henri; GIFFONI PINTO, Raquel. A gestão empresarial do “risco social” e a neutralização da crítica. **Revista Praia Vermelha**, v. 19, nº 2, pp. 51-64, 2009.
- AUYERO, Javier; SWISTUN, Debora. **Flammable: Environmental Suffering in an Argentine Shantytown**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

- CABALLERO, Barbara. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal: Análise para a Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro Municipal Government. Pereira Passos Municipal Urbanism Institute (IPP). Geo Portal, 2015.
- CASTRO, Nazaret. **Las grandes empresas quieren llamarse feministas**. Pikara Magazine, Bilbao, 21 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.pikaramagazine.com/2021/07/las-grandes-empresas-quieren-llamarse-feministas-2/>>. Acesso em 26/11/2023.
- DAMAS, Thiago Fernandes. **Territórios Corporativos e Territórios de Vida: entre a produção da não-existência e a emergência das re-existências no caso TKCSA em Santa Cruz (Rio de Janeiro-RJ)**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva** (Coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns**. São Paulo: Elefante, 2022.
- FIOCRUZ – Fundação Osvaldo Cruz. **Análise Atualizada dos Problemas Socioambientais e de saúde Decorrentes da instalação e operação da Empresa TKCSA**, Rio de Janeiro, 2014.
- FIOCRUZ – Fundação Osvaldo Cruz. **Caravana discute os impactos da siderurgia no Rio**. Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/caravana-discute-os-impactos-da-siderurgia-no-rio>. Acesso em 22/09/2023.
- FONTES, Virgínia. A transformação dos meios de existência em capital — expropriações, mercado e propriedade. In: BOSCHETTI, Ivanete (org.). **Expropriação e direitos no capitalismo**. São Paulo: Cortez Editora, 2018, p. 17-61.
- FRASER, Nancy. **Los talleres ocultos del capital. Un mapa para la izquierda**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2020.
- GARCIA, Alexandre Sanches; MENDES-DA-SILVA, Wesley; ORSATO, Renato. Sensitive industries produce better ESG performance: Evidence from emerging markets. **Journal of cleaner production**, v. 150, pp. 135-147, 2017.
- GARCÍA-TORRES, Miriam; GARCÍA, Dina Mazariegos; LEZICA, Lorena Rodríguez, LOZANO, Juliana Díaz. Extrativismo e (re)patriarcalização dos territórios. In: CRUZ-HERNÁNDEZ, Delmy Tania; JIMÉNEZ, Manuel Bayón (orgs.). **Corpos, Territórios**

e Feminismos: Compilado latino-americano de teorias, metodologias e práticas políticas. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

GIFFONI PINTO, Raquel. **Conflitos ambientais, corporações e as políticas do risco.** Garmond, 2019.

GIFFONI PINTO, Raquel. **O Poder da Crítica: um estudo sobre a relação empresa e movimentos sociais.** Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da Terra): contribuições decoloniais. **Geographia**, v. 22, nº 48, pp. 75-90, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” À multi-territorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

HARVEY, David. **O novo imperialismo.** São Paulo: Edições Loyola. 2014.

JB entrevista, com Andréia Repsold - Tudo sobre o mundo corporativo e lideranças empresariais. Entrevistada: Fernanda Candeias. Entrevistadora: Andréia Repsold. **JB FM**, 15 de agosto de 2023. Podcast Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bjGUV8w021w&t=16s>>. Acesso em 23/09/2023.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017.

MORENO, Tica. Trampas del poder corporativo: maquillaje violeta y mercantilización de las luchas. In: MORENO, Renata (org.). **Crítica feminista al poder corporativo: textos para la acción.** São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2020. p. 134-159,

NAEEM, Nasruzzaman; CANKAYA, Serkan. Does ESG performance affect the financial performance of environmentally sensitive industries? A comparison between emerging and developed markets. **PressAcademia Procedia**, v. 14, nº 1, pp. 135-136, 2021.

PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul; JNT – Rede Justiça nos Trilhos; FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Vigilância Popular em Saúde e Ambiente em Áreas Próximas de Complexos Siderúrgicos**. Rio de Janeiro, 2017.

PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul; JNT – Rede Justiça nos Trilhos; FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **A chuva de prata em Santa Cruz: Um desenvolvimento que adocece a gente**. Rio de Janeiro, 2014.

PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul; JNT – Rede Justiça nos Trilhos; FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Responsabilidade social para quem? Análise crítica dos projetos de responsabilidade social corporativa da ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico – TKCSA, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, Brasil**. Rio de Janeiro, 2015, p. 92.

PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul; JNT – Rede Justiça nos Trilhos; FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Responsabilidade Social: O caso da Ternium em Santa Cruz**. Youtube, 4 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SZJIt5O8wWU&t=171s>>. Acesso em 30/09/2023.

PENIDO, Marina de Oliveira. **A produção do desastre da Samarco, governo de exceção e desterritorialização em Mariana e Barra Longa**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

PODCAST ATUAL #07. Entrevistada: Fernanda Candeias. Entrevistador: Marcelo Godinho. **Jornal Atual**, 10 de agosto de 2023. Podcast. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pPPDStn3Vdw&t=1273s>>. Acesso em 23/09/2023.

RAMIRO, Pedro. Las multinacionales y la Responsabilidad Social Corporativa: de la ética a la rentabilidad. In: ZUBIZARRETA, Juan; RAMIRO, Pedro (orgs.). **El Negócio de la Responsabilidad**: crítica de la Responsabilidad Social Corporativa de las empresas transnacionales. Barcelona: Icaria. p. 5-20, 2009.

ROUGEMONT, Laura dos Santos. **À margem da voz: sobre fronteiras e violência política contra mulheres na Amazônia**. Tese de Doutorado em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021.

SANTOS, Pamela Cristina Basílio dos; GIANNELLA, Leticia de Carvalho. **Metropolização, segregação socioespacial e injustiça ambiental: o caso da Baía de Sepetiba, RJ**.

Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, v. XXV, nº1310, pp. 01-26, 2020.

TAVARES, Thiago Roniere Rebouças. Examinando a injustiça ambiental a partir da contaminação do ar e de inundações nos arredores da Companhia Siderúrgica do Atlântico/Ternium, às margens da Baía de Sepetiba (Rio de Janeiro). **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 1, nº 2, pp. 211-211, 2019.

TAVARES, Thiago Roniere Rebouças. Da responsabilidade social corporativa ao ESG: A prática espacial da siderúrgica Ternium para a ocultação do sofrimento ambiental em Santa Cruz-RJ. In: Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, 14, 2021. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77969>>. Acesso em 10/09/2023.

TAVARES, Thiago Roniere Rebouças. Então, nós vivemos o racismo ambiental... **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 4, nº 1, pp. 345-360, 2022a.

TAVARES, Thiago Roniere Rebouças. **Sufrimento ambiental por contaminação do ar e da água nos arredores da siderúrgica Ternium, às margens da Baía de Sepetiba (Rio de Janeiro): Um estudo sobre injustiça ambiental**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022b.

185

TEIXEIRA, Pedro. **ESG como fator de competitividade e gestão de risco na indústria**. In: Aquário casa FIRJAN 2021. Youtube, 27 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P2fAtOwzrpc>>. Acesso em 28/09/2023.

SCHIRMER, Waldir Nagel; PIAN, Lucas Bischof; SZYMANSKI, Mariani Silvia Ester; GAUER, Mayara Ananda. A poluição do ar em ambientes internos e a síndrome dos edifícios doentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, pp. 3583-3590, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios: Uma introdução à Ecologia Política**. Editora Bertrand Brasil, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Articulando ambiente, território e lugar: A luta por justiça ambiental e suas lições para a epistemologia e a teoria geográficas. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 2, nº 1, pp. 16-64, 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. 'Sacrifice zone': The environment–territory–place of disposable lives. **Community Development Journal**, v. 56, nº 2, pp. 220-243, 2021.

VIEIRA, Rafael Barros. O fora não capitalista em A Acumulação do Capital, de Rosa Luxemburgo: seus usos, seus limites e a atualização de seus propósitos. In. GONÇALVES, Guilherme Leite; BARREIRA, César Mortari. (orgs.) **Rosa Luxemburgo: Atualidade da análise política, da teoria econômica e da crítica do direito**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022, p. 249-275.

Victoria Oliva é geógrafa e mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (Posgeo-UFF) e membra do Núcleo de Estudos sobre Territórios, Ações Coletivas e Justiça (NETAJ-UFF). **E-mail:** victoriaferreiraolivag8@gmail.com

Vinicius Carvalho é geógrafo e mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG-UFRJ), membro do Núcleo de Pesquisas em Geografia Ambiental e Ecologia Política (GAEP). **E-mail:** carvalho.vinicius22@gmail.com

Willian Silva da Rocha é Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (Posgeo-UFF), membro do Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização (NUREG-UFF) e do Núcleo de Estudos sobre Territórios, Ações Coletivas e Justiça (NETAJ-UFF), assistente-editorial na Revista Geographia (Posgeo-UFF). **E-mail:** willianrocha@id.uff.br

Artigo enviado em 06/04/2024 e aprovado em 15/05/2024.